

O discurso pedagógico da televisão

Uma discussão sobre Dialogia/Monologia

Maria Tereza da
Cunha Coutinho

Faculdade de Educação
UFMG

Resumo

Durante algum tempo a literatura sobre comunicação de massa percebia a mensagem televisiva como monológica e intransitiva na medida em que o telelocutor seria dono da palavra e da imagem, restando ao telespectador apenas a passividade do olhar e da escuta. Com o desenvolvimento de uma epistemologia construtivista, no estudo do discurso presencial e midiático, ficou evidenciada a inadequação desse tipo de interpretação. Neste artigo procuramos caracterizar, sob o eixo epistemológico construtivista, os conceitos de dialogia e monologia, aplicando-os ao estudo do discurso pedagógico da televisão.

Abstract

During some time bibliography on mass media noticed television message as an intransitive monologue, considering the locutor as the holder of words and images, the spectator, on the other hand, was seen as a passive listener and viewer. The development of a constructivist epistemology, which discusses media and presencial discourse, evidenced the inadequacy of this kind of interpretation. This paper characterises, from the constructivist epistemological point of view, the concepts of dialogue and monologue applied to the analysis of television pedagogical discourse.

Existe um certo posicionamento de alguns estudiosos de comunicação de massa de que a televisão determina um fluxo comunicacional monológico e intransitivo, característico das mídias eletrônicas, agindo a partir de um centro de irradiação único em direção a uma multidão de destinatários potenciais. Tal postura, em certa medida, os tem levado a analisar a informação televisiva como sendo possuidora de um poder absoluto de quem fala sobre quem ouve, de quem mostra sobre quem vê. Jean Baudrillard, por exemplo, caracteriza os veículos de massa como sendo detentores da não-comunicação, entendendo a comunicação como troca ou reciprocidade de discursos, através de pergunta e resposta; Requena² apresenta o discurso televisivo como um discurso limite que, negando o universo sensorial do corpo do destinatário e negando a possibilidade de qualquer resposta, transforma-se numa estrutura comunicacional do tipo psicótico. Sodré, por sua vez, afirma que:

a vocação do medium televisivo é a síntese hegemônica dos discursos, das práticas artísticas das diferentes possibilidades de linguagem. Sua mais profunda natureza requer o silêncio do ouvinte do telespectador, condenado pelo estatuto da moder-

na produção monopolítica, a uma relação que o define como mero usuário: desde bens de consumo materiais e culturais até mesmo a palavra irrespondível de um outro confundido com o código da ordem produtiva. O estilo da imagem televisiva é o da notificação, remota e unilateral. A ela corresponde um verdadeiro poder notificador, articulado com outras formas monopolíticas da sociedade moderna. (SODRÉ, 1977, p. 9-10).

Do ponto de vista desses autores, o fluxo comunicacional da televisão seria monológico e intransitivo porque, na situação midiática, haveria uma única voz e, por isso mesmo, nenhuma possibilidade de resposta do telespectador à fala do emissor nem qualquer colaboração mútua na construção do sentido da mensagem. Nessa mesma linha de reflexão estariam incluídos alguns estudiosos da ação pedagógica: sociólogos sob o enfoque das teorias funcionalistas e das teorias reprodutivistas consideram, respectivamente, a ação pedagógica como coercitiva ou como um ato de força e violência; psicólogos comportamentistas consideram as práticas pedagógicas como estimuladoras de processos associativos dos alunos de forma que os professores seriam os verdadeiros detentores do

conhecimento enquanto os alunos, meros receptáculos passivos-reativos.

No caso específico da teleeducação ou da teleaula, se pudéssemos adicionar o caráter da emissão midiática, considerado monológico e intransitivo por alguns estudiosos de comunicação de massa, mais a análise feita pelos estudiosos do processo educacional que o consideram como um ato coercitivo de violência, de força ou como uma estimulação unidirecional de reações que eliciam respostas previstas, teríamos uma situação duplamente monológica, duplamente intransitiva e duplamente irreversível: não haveria, nessas visões, trocas verbais e nenhum espaço possível de co-interação entre o emissor e o receptor, na construção conjunta da significação da comunicação pedagógica televisiva.

Vale apenas lembrar, no entanto, que o silêncio ou a falta de respostas verbais por parte de um receptor, em um processo comunicacional, pode ocorrer em quaisquer tipos de conta-tos mesmo que não sejam eles, necessariamente, de cunho mediático ou pedagógico: em uma abordagem face a face cuja característica principal é o diálogo e a troca de turno, o silêncio, por parte do receptor, é ainda uma forma de

interlocução e de resposta que possui um significado. Poderíamos, então, argumentar dizendo que o silêncio, num contato face a face, difere do silêncio em uma comunicação midiática: no primeiro caso, nas relações presenciais, o receptor pôde optar pelo silêncio pois, se quisesse, poderia verbalizar uma resposta dirigida ao emissor; no segundo caso, nas relações através da mídia, o receptor não tem como informar, imediatamente, ao emissor a sua resposta. Mas contra-argumentamos dizendo que essa resposta existe, ainda que não transmitida ao emissor midiático: existe na medida em que o receptor, aparentemente passivo do ponto de vista verbal, não o é, lingüisticamente, pois pode manifestar-se por gestos, mímica, posturas, pensamentos, sentimentos, inclusive desligando o medium, o que refletiria nos índices de audiência. Neste momento um tipo de resposta característico da comunicação mediática de massa, que não implica, necessariamente, em uma contra-resposta verbalizada, está instalado.

Em um outro eixo epistemológico de análise do processo comunicativo (e também do processo educacional) no qual nos inserimos, o sentido e o

significado de qualquer ato de linguagem se constroem interativamente, no duplo movimento de produção e recepção inseridos em uma situação semio-psico-socio-histórica, seja tal ato transmitido via dispositivos midiáticos ou contatos face a face. Em contraposição à idéia de um receptor decodificador passivo da palavra e da imagem emitida por um emissor todo poderoso, com ilusão de ser a fonte do discurso, vistos como pólos opostos do fluxo comunicacional, a partir de uma perspectiva epistemológica construtivista, surgem dois sujeitos ou duas instâncias em um processo amplo e complexo de interação e negociação de sentido. Não procede, nesta vertente, falarmos em comunicação monológica, intransitiva ou irreversível da mesma maneira que, neste eixo epistemológico, não é correta a análise da ação educativa como coercitiva e autoritária, como um ato de violência e força ou como um simples processo de condicionamento de quem ensina sobre quem aprende.

Sem ser necessário detalharmos o processo de aprendizagem pedagógica numa abordagem construtivista-interacionista (para isto verificar as teorizações de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon), vamos aqui nos ater

às tematizações desenvolvidas por Patrick Charaudeau (1991, 1994, 1996, 1997) sobre o discurso informativo televisivo em uma abordagem construtivista. Antes, porém, lembremos de que Bakhtin (1992) foi um dos primeiros estudiosos que considerou, ainda numa época dominada pelo formalismo e sistematismo estruturalista, o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, seja ela pensada como língua ou como discurso. Bakhtin considerava que nenhum significado ou sentido lingüístico é simplesmente dado ou imposto, mas, sempre, construído nas complexas relações sócio-históricas. A linguagem, de acordo com esse autor, é sempre dialógica, mesmo sob a aparência de ser monológica e intransitiva, porque além de ser constituída através das inúmeras vozes e dos textos que compõem a malha social, só pode ser compreendida em um processo de interação dialética.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces: é determinada, tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui, justamente, o produto da interação do locutor e do ouvinte. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à

coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre uns e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1992, p. 113).

Nesta fala, Bakhtin implica toda enunciação como sendo determinada pelos participantes da comunicação, mesmo que o dono da palavra, em certo momento, pareça ser um locutor específico. Em verdade, este locutor é dono só do ato fisiológico da enunciação, pois a palavra, como signo, pertence ao estoque social dos signos disponíveis, estoque este construído e significado pelas relações entre os homens; palavra essa que, originalmente, não emana de um psiquismo individual, mas da interação dialógica de vários psiquismos inseridos num momento sócio-histórico.

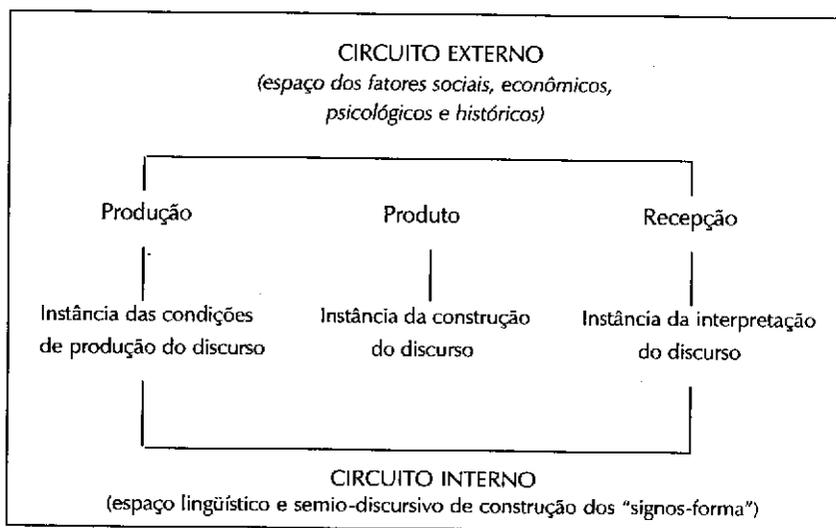
Patrick Charaudeau, eminente estudioso da lingüística do discurso, tem-nos oferecido, também, através de suas teorizações, não apenas um eixo epistemológico, mas importante instrumental para a análise tanto dos discursos presenciais como dos mediatizados pela tecnologia

comunicacional. Em recente palestra durante os Anais do II Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso, ocorrido em novembro de 1996 no Rio de Janeiro e em publicações suas, apresenta ele os construtos básicos de uma teoria de análise semiolingüística passível de ser aplicada ao discurso pedagógico televisivo.

De acordo com Charaudeau (1996):

1) A significação de uma mensagem informattva mediatizada não está somente nas palavras, nas imagens, nos sons ou em outros signos mas, na mise en scène linguageira na qual se acham inscritas a "instância de condição de produção", "a instância de construção do discurso" e "a instância de interpretação deste discurso". Esta mise en scène está inscrita num circuito externo, dependente de fatores sociais, econômicos, psicológicos e históricos, e num circuito interno ou espaço de construção semiodiscursiva.

"MISE EN SCÈNE" DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA



2) *Todo discurso midiático é produzido por indivíduos que se dirigem a outros indivíduos, cada um desempenhando papéis diferentes: alguns são os produtores, redatores, locutores e atores, constituindo a instância de produção; outros são os interlocutores-interpretantes, constituindo a instância de recepção. A instância de produção constrói o sentido através de "signos-forma" em função do que imagina ser a instância de recepção; a instância de recepção está subordinada ao projeto de fala da*

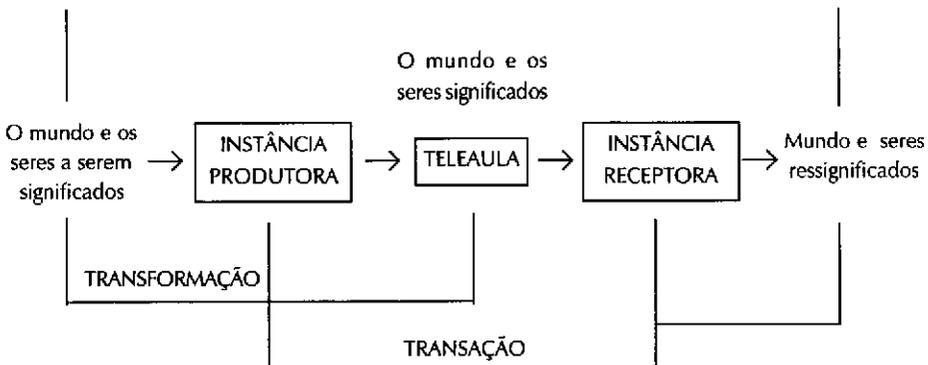
instância de produção somente na perspectiva desta, pois constrói a sua interpretação de acordo com suas próprias práticas significantes. Tais instâncias estão em uma relação de "reciprocidade intencionalmente imaginada" o que demonstra que todo ato de discurso, seja midiático ou face a face, constitui um processo de "transação" social: indica uma intencionalidade das instâncias emissoras e receptoras; resulta de um objetivo de influência; é portador de um propósito sobre o mundo; está na

dependência da identidade dos parceiros e se realiza através de circunstâncias materiais de intercâmbio num tempo e espaço dados.

3) O discurso tem por função, através do processo de "transformação", dar conta da constituição do mundo e dos seres que aí se encontram: de sua identificação através da nomeação, de sua localização mediante sua colocação no tempo e no espaço, de atribuição de suas propriedades através da qualificação, de descrição de suas ações através da narração, do fornecimento dos motivos de suas ações

pela argumentação e de avaliação a partir da modalização. Não há, entretanto, uma correspondência transparente entre o discurso e o mundo, mas, sim, opacidade. Nesta opacidade – plena de vazios, implícitos, pressupostos, subentendidos e não ditos, ou seja, espaços disponíveis a serem preenchidos pelo outro e, ao mesmo tempo, plena de movimentos coercitivos de contenção da polissemia – é que os sujeitos, no caso dos discursos presenciais, e as instâncias, no caso de discurso midiático, constroem a significação.

PROCESSOS DE SEMIOTIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA DA TELEDUCAÇÃO



4) *Os indivíduos ou as instâncias se comunicam para se influenciarem mutuamente e, nesta comunicação interativa, há a construção da linguagem: é falando e interagindo com o outro que o mundo é comentado, descrito, narrado e argumentado. Todo discurso, antes, porém, de significar o mundo, significa uma relação, ou seja, significa o mundo significando uma relação.*

Tendo em vista tais teorizações básicas, ou como diz o próprio Charaudeau - as condições que diferenciam uma lingüística da língua de uma lingüística do discurso ou um processo de comunicação simétrico de um processo comunicacional co-construído -, e levando em conta as tematizações dos pedagogos construtivistas, tanto do âmbito da

sociologia quanto da psicologia, podemos considerar perfeitamente lícito afirmar que o discurso pedagógico da teleeducação ou da teleaula é co-construído em sua significação, pelas instâncias ou pelos sujeitos enun-ciadores e destinatários do ato do discurso. Os "signos-forma", mediadores desta transmissão televisiva, sendo por natureza flexíveis e marcados pelos contextos nos quais se inserem, só permitem uma leitura dialógica e interacionista com trocas recíprocas entre os seus interlocutores, entre os emissores e os receptores da mensagem informativa. Assistir a uma teleaula ou a uma informação televisada torna-se uma atividade de co-enunciação na qual o emissor tanto usa de imposições e estratégias discursivas para chegar até o receptor quanto este receptor imprime sua interpretação pessoal construindo seu universo de significação.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992. 162 p.
- BRANDÃO, H.H.N. Escrita, leitura, dialogicidade. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. São Paulo. UNICAMP, 1997, p. 281-290.
- CHARAUDEAU, P. *La télévision. Les débats culturels "Apostrophes"*. Paris: Didier Érudition, 1991.
- _____. *Les discours d'information médiatique. La construction du miroir social*. Paris: Nathan, 1997.
- _____. Le contrat d'information médiatique. La spécificité de l'information télévisée. In: *ANAIS do II encontro franco-brasileiro de análise do discurso: o discurso da mídia*. 1996. Rio de Janeiro: Anais Rio de Janeiro. Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso da Faculdade de Letras da UFRJ, 1996, p. 13-20.
- _____. Le contrat de communication de l'information médiatique. In: *Le Français Dans le Monde*, Paris: Hachette/Larousse, 1994, n.º especial.
- COUTINHO, M.T.C. *Análise do discurso pedagógico da mídia televisiva, um estudo semiolinguístico das tele-aulas do 1º grau do telecurso 2000 da Rede Globo de Televisão*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997, 374 p. (Tese, doutorado em Estudos Linguísticos).
- SODRÉ, M. *O monopólio da fala, função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977. 155 p.
- _____. & MOREIRA, M. *Psicologia da Educação, um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos voltados para a educação*. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997. 176 p.
- SOULAGES, J. C. *Les mises en scènes visuelles de l'information*. Paris: Université de Paris XIII, 1994. 235 p. (Tese de doutorado).

